

# Reutilização versus destruição: análise da difícil relação das sociedades com o património pré-existente a partir do caso da Anta da Meada 2 (Monforte)

Leonor Rocha<sup>a, @</sup> e Paula Morgado<sup>b</sup>

<sup>a</sup>Docente Universidade de Évora/ Departamento de História

<sup>b</sup>Arqueóloga. Câmara Municipal de Monforte. Investigadora do CHAIA/ Universidade de Évora

@ Contacto: lrocha@uevora.pt

## Resumo

A anta da Meada 2 localiza-se na freguesia de Santo Aleixo, concelho de Monforte, sobre um pequeno esporão, na margem direita da ribeira Velha, numa área que atualmente se apresenta com escassa vegetação arbórea, pelo que possui excelente visibilidade sobre a envolvente. De uma forma geral, em termos arqueológicos, o concelho de Monforte possui dois tipos de ocupação predominantes, as da Pré-história Recente e as do Período Romano. Os trabalhos realizados recentemente na Anta da Meada 2 vieram, mais uma vez, confirmar que a convivência das populações com os vestígios do passado, nem sempre foi de respeitar memórias e legados. A partir deste estudo de caso pretendemos abordar a questão da Conservação/ Reutilização/ Destruição de sítios e monumentos ao longo dos tempos.

### Palavras-chave

Pré-história Recente | Período Romano | Megalitismo | Património | Conservação

## Resumen

El dolmen Meada 2 está situado en la parroquia de Santo Aleixo, municipio de Monforte, en un pequeño esporón, en el margen derecho de la Ribeira Vieja, en una zona que actualmente presenta escasa vegetación arbórea, por lo que tiene una excelente visibilidad sobre el entorno. En general, en términos arqueológicos, el municipio de Monforte tiene dos tipos de ocupación predominantes, las de la Prehistoria Reciente y las de Época Romana. Los trabajos realizados recientemente en Anta da Meada 2 han confirmado, una vez más, que la convivencia de las poblaciones con los vestigios del pasado no siempre ha sido de respeto a la memoria y los legados. A partir de este estudio de caso pretendemos abordar el tema de la Conservación/Reutilización/Destrucción de sítios y monumentos a lo largo del tiempo.

### Palabras clave

Prehistoria Reciente | periodo romano | megalitismo | Patrimonio | Conservación

## 1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos realizados na anta da Meada 2 foram executados no âmbito do projeto de investigação “Megalitismo Funerário Alentejano III – MFA III” e tiveram apoio financeiro e logístico da autarquia de Monforte.

O monumento implanta-se numa vertente pouco acentuada a escassas dezenas de metros da Ribeira Velha, que se localiza a Este. A área envolvente apresenta-se pontuada por algumas azinheiras e afloramentos dispersos, mas é maioritariamente aberta, com boa visibilidade de e para o sítio. O relevo é suavemente ondulado. A Ribeira Velha possui, atualmente, apenas um caudal sazonal.

Geologicamente a área insere-se numa zona de rochas granitoides, com o substrato a aparecer, muito compacto, em alguns locais. No entanto, no sítio onde se encontra implantada a anta da Meada 2, sobretudo na área do corredor, apresenta-se muito friável, o que facilitou a escavação das fossas para implantação dos esteios.

## 2. História da investigação

A compilação do conjunto de informações existente no Portal do Arqueólogo sobre a história de investigação recente deste monumento, deixa-nos muitas dúvidas devido à omissão/lacunas nos dados existentes. Efetivamente, existe informação de cinco trabalhos arqueológicos:

### 2.1 Prospeção. 1995.

Projeto: *As Comunidades Pré-históricas dos 4º e 3º milénios na região de Monforte*. Corresponsáveis: Carla Alexandra Nazaré do Carmo Lopes e Rui Jorge Narciso Boaventura.

Objetivos e Resultados: no âmbito deste trabalho, que tinha por objetivo o levantamento arqueológico do concelho de Monforte, foi confirmada a localização e realizada a descrição do estado de conservação do monumento que, á data, possuía “câmara com 4 esteios *in situ*, um deles completo, não apresentando qualquer tampa. Também não foram avistados vestígios de corredor e o tumulus é residual”. Não obstante o estado evidente de destruição deste monumento, em que toda a metade Sul da câmara estava destruída, não existindo quaisquer vestígios do corredor, o monumento foi proposto para classificação como Imóvel de Interesse Público.

### 2.2 Valorização. 2000 (1/8/2000 a 10/8/2000).

Projeto: *As Comunidades Pré-históricas dos 4º e 3º milénios na região de Monforte*. Corresponsáveis: Carla Alexandra Nazaré do Carmo Lopes e Rui Jorge Narciso Boaventura.

Objetivos e Resultados: no âmbito deste trabalho, que tinha por objetivo proteger e valorizar o monumento através da colocação de marcos de proteção a 15m de distância do seu centro, informa-se que foram recuperados à superfície, aparentemente na área da mamoa “fragmentos de placas de xisto, contas de colar e instrumentos de pedra polida”. Apesar das signatárias já terem solicitado informações à DRC Alentejo e DGPC sobre o paradeiro deste espólio, até ao presente continua por localizar.

### 2.3 Valorização. 2000.

Projeto: *As Comunidades Pré-históricas dos 4º e 3º milénios na região de Monforte*. Responsável: Carla Alexandra Nazaré do Carmo Lopes.

Objetivos e Resultados: a informação é dúbia e, aparentemente, esta segunda entrada do ano 2000 é um lapso dos serviços, pois repete, em termos gerais, a informação anterior.

### 2.4 Valorização. 2001.

Projeto: *As Comunidades Pré-históricas dos 4º e 3º milénios na região de Monforte*. Responsável: Rui Jorge Narciso Boaventura.

Objetivos e Resultados: os trabalhos realizados, de valorização, tinham apenas por objetivo recolocar e pintar os marcos de proteção em torno do monumento.

### 2.5 Prospeção. 2001.

Projeto: *As Comunidades Pré-históricas dos 4º e 3º milénios na região de Monforte*. Responsável: Rui Jorge Narciso Boaventura.

Objetivos e Resultados: os trabalhos tinham por objetivo realizar novas prospeções no concelho de Monforte. Sobre este monumento, são aduzidas novas informações, nomeadamente sobre o seu aspeto “actualmente serve de morouço de despedrega, tendo no interior da câmara um peso de lagar. (.../...). Na área do tumulus, a Norte-Noroeste, foram recolhidos vários materiais: machado, enxó, fragmentos de placas de xisto, conta de colar bicónica em anfibolito, lasca e percutor, o que prenuncia a sua violação”. Ou esta informação está mal inserida, repetindo a dos trabalhos do ano 2000 ou então, temos a recolha de mais espólio em torno deste monumento. Mais uma vez, foi solicitado informações à DRC Alentejo e DGPC sobre o paradeiro deste espólio que até ao presente continua por localizar.

## 2.6 Trabalhos de “limpeza” realizados em 2014.

Projeto: Desconhecido.

Responsável: Rui Jorge Narciso Boaventura.

Esta ação de “limpeza” foi realizada com recurso a uma máquina retroescavadora, no ano de 2014, com pedido de autorização - PATA que [ainda] não consta do Portal do Arqueólogo.

**Figura 1.** Processo de “limpeza” mecânica realizado na anta da Meada 2 em 2014 (© Arquivo da C. M. de Monforte)



Infelizmente, pelas informações que obtivemos dos técnicos da autarquia, que estiverem presentes a

acompanhar e documentar a realização destes trabalhos, o acompanhamento arqueológico limitou -se a uma mera observação do trabalho da máquina, que ocorreu em período chuvoso, e provocou danos irreversíveis no monumento tanto a nível da estratigrafia, como do próprio corredor, uma vez que é possível que a base dos esteios do corredor tivessem sido arrastados pela máquina.

Os trabalhos agora realizados permitiram verificar, desde a limpeza superficial da vegetação [0] na área do monumento, inúmero espólio de cronologia pré-histórica, muito fraturado, o que nos levou a fazer uma verificação das terras e pedras removidas pela máquina, que se encontram localizadas a cerca de 30m a Este. Aqui é ainda possível observar fragmentos de cerâmicas manuais e alguns líticos partidos (lascas de quartzo e quartzito). Como é perceptível através da comparação das figuras 1, o monumento apresenta-se com um aspeto completamente diferente, uma vez que deixou de ter o referido “marouço de despedrega” que incluía o fragmento de mó romana, mas, desapareceu também, qualquer vestígio da mamoa e corredor.

### 3. A Anta da Meada 2: Arquitetura e Estratigrafia

#### 3.1 Arquitetura

A Anta da Meada 2 apresentava assim um elevado grau de destruição/afetação, em termos de arquitetura, com toda a metade Sul (câmara e corredor) destruída. Seria inicialmente um monumento de grande dimensão, com câmara de sete esteios e corredor curto a médio, com provavelmente três esteios de cada lado. Conserva quatro esteios na câmara, o de cabeceira e os três do lado Norte, três deles truncados, com marcas de corte por cunhas de madeira. Na provável área do corredor, existiam à superfície blocos de maiores dimensões e um esteio, fragmentado, *in situ*, do lado Sul. Os vestígios do *tumulus* eram residuais e existiam sobretudo no lado Oeste e Norte da câmara, junto aos esteios.

A escavação realizada na metade Sul permitiu perceber que os ortóstatos da câmara foram colocados numa vala contínua, subcircular, escavada na rocha de base que se apresenta mais alterada e fácil de partir. Os esteios deveriam ser encaixados na vala e depois colmatados os espaços com pedras de dimensão pequena a média, dos quais se encontraram algumas evidências. Nesta área não nos foi possível confirmar se existiu algum nivelamento do piso, devido às perturbações registadas.

#### Câmara (medidas):

- 4º esteio da câmara (cabeceira): 1,38m largura / 1,50m altura conservada (amputado) / 0,55m espessura máxima
- 5º esteio da câmara (lado Norte): 1,60m largura/ 0,75m altura conservada (amputado)/ 0,42m espessura máxima
- 6º esteio da câmara (lado Norte): 1,45m largura/ 0,87m altura conservada (amputado)/ 0,70m espessura máxima
- 7º esteio da câmara (lado Norte): 1,10m largura/ 2,70m altura/ 0,55m espessura máxima

Diâmetro: 2,80m E/W; N/S: 3m (estimativa)

Tampa/esteio caído no interior da câmara: 0,30m espessura máxima / 1,20m largura visível/ 0,67m comprimento visível

#### Corredor (medidas):

- 1º esteio do corredor lado sul *in situ*, mas muito inclinado (entrada do corredor - possivelmente de grauvaque): 0,60m altura/ 0,60m largura/ 0,30m espessura

**Figura 2.** Pormenor da rocha de base na área da câmara



Comprimento: 2,30m (estimativa)

### 3.2 Estratigrafia

De modo a caracterizar o monumento e atendendo a que não subsistia, à superfície, quaisquer vestígios do corredor e da mamoa no lado Sul e Este, optou-se por definir uma quadrícula geral que abrangesse a área da câmara e do eventual corredor.

Em termos metodológicos seguiu-se, sempre que possível, os pressupostos metodológicos propostos por Barker (BARKER, 1989) e Harris (HARRIS, 1991), com registo gráfico e fotográfico de todas as unidades identificadas, bem como o registo de artefactos de acordo com as unidades estratigráficas que os continham. Os sedimentos removidos foram integralmente crivados.

Após a limpeza da vegetação iniciou-se a escavação da camada superficial [0] que se apresentava bastante solta, com abundantes raízes e muitos fragmentos de materiais arqueológicos. A remoção desta unidade permitiu, desde logo, perceber que a intervenção que havia sido realizada em 2014, de “limpeza” das terras e pedras existentes sobre o monumento (cf. Fig. 1) foi muito intrusiva tendo destruído os níveis arqueológicos da área do *tumulus* e corredor, ficando à vista apenas as pedras de base dos alvéolos e/ou afloramento. Atendendo à altimetria e ao facto de, na área a Este encontrarmos à superfície a rocha de base, ficou desde cedo evidente que não seria expectável encontrar-se o corredor preservado.

Do *tumulus* [1], apenas se conservam restos no topo Oeste e Norte, no exterior dos esteios da câmara conservados; no lado Sul da câmara, foram identificadas muitas pedras de dimensão pequena/média [2] que devem corresponder a restos de alvéolos e, eventualmente, com algumas pedras do *tumulus* misturadas. No entanto, a acumulação caótica deste conjunto de pedras, provocado pela ação da máquina, não nos permitiu individualizar estes contextos. Nesta área encontraram-se também alguns restos osteológicos, inseridos nas irregularidades da rocha de base, muito esmagados e descontextualizados; no lado Este do monumento definiu-se, como referimos, a rocha de base [3] que se encontra à cota do terreno atual (Fig. 3).

**Figura 3.** Pormenor da rocha de base na área da entrada do corredor e *tumulus*.



No interior da câmara, os danos causados pelos vários episódios de destruição que este monumento sofreu ao longo dos tempos, conduziu à existência de depósitos completamente revolvidos e misturados, patentes em todas as unidades estratigráficas, do topo até ao nível geológico, com a mistura de materiais pré-históricos com os de cronologia romana. À exceção das contas de colar e de algumas pontas de seta, de menor dimensão, recolhidas nas irregularidades do afloramento, o restante espólio apresentava-se muito fragmentado (Fig. 4). Todas as unidades identificadas nesta área apresentavam terras muitas soltas, misturadas com “estilhaços de esteios” (Fig. 5) e raízes.

**Figura 4.** Pormenor do nível de fragmentação das placas de xisto



**Figura 5.** Pormenor dos “estilhaços” de esteios recolhidos na área da câmara e corredor



A remoção dos blocos de granito de maior dimensão que se encontravam ainda na área da câmara e na área de passagem para o corredor (que correspondem a fragmentos de esteios e/ou tampas) foi realizada por meios mecânicos, de forma controlada. Nesta fase, foi também necessário proceder-se à colocação de vigas

metálicas para se assegurar a estabilidade dos esteios, trabalho que foi realizado com o apoio de elementos da Proteção Civil de Monforte e funcionários da autarquia (Figs. 6 a 12).

**Figura 6**



**Figura 7**



**Figura 8**



**Figura 9**



Figura 10



Figura 11



**Figura 12**



Como se referiu anteriormente e ao contrário do que se esperava, os contextos que se encontravam na câmara, por baixo destes grandes blocos, mantiveram a mesma realidade, persistindo até à rocha de base o “caos” de pedras, por vezes com espaços abertos entre si (sem sedimentos), o que evidencia que estes revolvimentos não eram muito antigos, dado não existir a colmatção dos espaços inerente às águas da chuva. Por toda a área existem também abundantes raízes das duas árvores (azinheiras) que se encontram posicionadas a Norte e a Sul, que comprometeram os trabalhos e a estratigrafia.

Em termos gerais, o espólio identificado encontrava-se disperso por toda a área, existindo talvez maior quantidade na câmara, [11], na área do esteio de cabeceira – a confirmar com a contabilização do espólio que se encontra em curso.

Relativamente ao corredor, não nos foi possível registar, com clareza, o seu comprimento e número de esteios, parecendo, no entanto, que se tratava de um corredor tendencialmente médio, dada a evidência de existirem três esteios do lado Sul. O lado Norte não foi intervencionado devido à existência de uma azinheira, que não podia ser removida, mas os cortes evidenciam que esta área também se encontra muito perturbada (Fig. 13).

O esteio 1 do lado Sul (Fig. 14), único que apesar de fragmentado ainda se encontrava com a base *in situ*, tinha a fossa [19] também escavada na rocha (identificada no lado interno do corredor), preenchida com terras castanhas, muito soltas e com algumas raízes.

As unidades [17] e [15] correspondem às fossas de implantação dos esteios 2 e 3, lado Sul (Fig. 15), respetivamente, preenchidas com terras castanhas, muito soltas, com raízes, e muitos fragmentos de granito rosa de diferentes dimensões (alguns muito pequenos) e outras rochas, miúdas. Junto ao afloramento a terra apresentava-se menos solta, mas mais pulverulenta. Dentro destas fossas aparentemente também em continuidade, como na câmara, foram encontrados, misturados, materiais de cronologia romana e neocalcolíticos (cerâmica de roda alaranjada, fragmentos de ferro muito corroídos, cerâmica manual, contas de colar, fragmento de placa de xisto).

Por fim, na extremidade SE do Quadrado D 9, no lado exterior do corredor, foram identificados ténues restos de uma camada de barro [13], muito compacta, que se depositava diretamente sobre o geológico. Parece tratar-se de uma regularização da rocha de base que, como se verificou no interior da câmara e corredor, se apresenta muito irregular e pouco estável – solta-se com facilidade.

**Figura 13.** Pormenor do corte, no lado Norte, área do corredor.



### 3.2.1 Unidades Estratigráficas

[0] – Camada de terra superficial, humosa, com abundantes raízes de diferentes volumetrias, pedras soltas de diferentes dimensões e materiais arqueológicos. Define-se em toda a área.

[1] – **Tumulus.** Camada subjacente à [0] que se definiu no exterior da câmara, nos lados Oeste, Norte e canto Sudoeste. Apresenta terras castanhas amareladas, muito compactas, com pedras de diferentes dimensões.

[2] – Camada de terras soltas, de tonalidade castanha clara, solta, com pedras miúdas/médias, subjacente à [0], no lado Sul. Continha restos osteológicos descontextualizados. Localiza-se na área que deveria corresponder ao exterior do 1º e 2º esteios da câmara e, 1º, 2º e 3º esteio corredor, lado Sul.

[3] – **Corredor.** Camada que corresponde ao afloramento e que, no lado Oeste, se encontra à cota da superfície atual. Subjacente à [0].

[4] – **Corredor.** Camada de terras castanhas/amareladas que se definem na área que deve corresponder ao interior do corredor. É uma unidade que resulta claramente de revolvimentos/ destruições. Apresenta um caos de pedras, com diferentes orientações (algumas na vertical) e mistura de espólios pré-históricos com romanos e contemporâneos. Tem como limite Sul a [3] e a Norte, o limite da escavação.

[5] – **Câmara.** Conjunto de pedras de pequena/média dimensão que se encontram depositadas sob o esteio caído na área da câmara, subjacente à [0]. O seu estado caótico, com muitas pedras em cutelo, demonstra corresponder a um dos momentos de violação/ destruição ocorrido neste monumento. Descontextualizada.

[6] – **Câmara.** Conjunto de pedras de média dimensão que se encontram depositadas na área da provável entrada da câmara. Apresenta evidências de ter sido recentemente movimentada pelo que devem corresponder a derrubes/ restos das movimentações realizadas com a máquina, em 2014. Descontextualizada.

[7] – **Câmara.** Conjunto de pedras de pequena/média dimensão que se encontram depositadas na área correspondente ao 3º esteio da câmara. Podem corresponder ao alvéolo destruído.

[8] – **Câmara.** Conjunto de pedras de pequena/média dimensão que se encontram depositadas na área correspondente ao 5º esteio da câmara. Podem corresponder ao alvéolo. Não escavada para não colocar em

**Figura 14.** Vista do 1º Esteio do corredor, lado Sul.



causa a estabilidade do monumento.

[9] – **Câmara.** Conjunto de pedras de diferente dimensão que se encontram misturadas com terras acastanhadas, depositadas junto ao 4º esteio da câmara (cabeceira). Não escavada para não colocar em causa a estabilidade do monumento.

[10] – **Câmara.** Conjunto de pedras de diferentes dimensões, revolvidas, com muitos espaços abertos (buracos) entre si. Encosta à [9] e ao esteio caído no interior da câmara. Subjacente à [5]. Descontextualizada.

[11] – **Câmara.** Terras de tonalidade acastanhada, muito solta, com raízes e fragmentos de granito rosa que se encontrava subjacente ao esteio tombado no interior da câmara, do lado Sul. Algum espólio, misturado, de cronologia romana e neocalcolítico. Subjacente à [10]. Descontextualizada.

[12] – **Corredor.** Conjunto de pedras de diferentes dimensões, revolvidas, algumas em cutelo, com espaços (buracos) entre si – incluindo estilhaços de granito rosa idênticos aos esteios da câmara que se encontram fragmentados - que se depositam na área do provável corredor. Apresenta terras castanhas com algum espólio misturado de cronologia romana e neocalcolítico. Descontextualizada.

[13] – **Túmulus.** Camada de barro, compacto, que se deposita diretamente sobre o afloramento, identificada apenas na extremidade SE do Quadrado D 9, no lado exterior do corredor. Parece tratar-se de uma regularização da base do afloramento que, como se verificou no interior da câmara e corredor, se apresenta muito irregular e pouco estável – solta-se com facilidade.

[14] – **Câmara.** Alvéolo de implantação do Esteio 7 da câmara, lado Norte (único que não sofreu qualquer tipo de amputação). Foi identificada apenas superficialmente uma vez esta área não foi intervencionada, para não colocar em causa a estabilidade do lado Norte da câmara.

[15] – **Corredor.** Alvéolo de implantação do Esteio 3 do corredor, lado Sul, escavado no afloramento. A fossa estava preenchida com terras castanhas, muito soltas, com raízes, e muitos fragmentos de granito rosa de diferentes dimensões (alguns muito pequenos) e outras rochas, miúdas. Junto ao afloramento a terra apresentava-se menos solta, mas mais pulverulenta. Do topo até à base foram encontrados, misturados, materiais de cronologia romana e neocalcolíticos (cerâmica de roda alaranjada, fragmentos de ferro muito

**Figura 15.** Pormenor das fossas de implantação do 2<sup>a</sup> e 3<sup>o</sup> esteio do corredor, lado Sul.



corroídos, cerâmica manual, contas de colar, fragmento de placa de xisto).

[16] – **Câmara.** Alvéolo de implantação dos Esteios 1 e 2 da câmara, lado Sul, escavado no afloramento. A fossa, alongada, estava preenchida com terras castanhas, muito soltas, com algumas raízes, e muitos fragmentos de granito rosa de diferentes dimensões (alguns muito pequenos) e outras rochas, pequenas. Junto ao afloramento, a terra apresentava-se menos solta, mas mais pulverulenta. Do topo até à base foram encontrados, misturados, materiais de cronologia romana e neocalcolíticos (cerâmica de roda alaranjada, contas de colar, fragmento de placa de xisto).

[17] – **Corredor.** Alvéolo de implantação do Esteio 2 do corredor, lado Sul, escavado no afloramento. A fossa estava preenchida com terras castanhas, muito soltas, com raízes, e muitos fragmentos de granito rosa de diferentes dimensões (alguns muito pequenos). Junto ao afloramento a terra apresentava-se menos solta, mas mais pulverulenta. Do topo até à base foram encontrados, misturados, materiais de cronologia romana e neocalcolíticos (cerâmica de roda alaranjada e cerâmica manual).

[18] – **Câmara.** Alvéolo de implantação do Esteio 6 da câmara, lado Norte, amputado. Foi identificado apenas em termos superficiais uma vez que se encontra em área não intervencionada para não colocar em causa a estabilidade do lado Norte da câmara.

[19] – **Corredor.** Alvéolo de implantação do Esteio 1 do corredor, lado Sul, escavado no afloramento. Possui ainda o esteio *in situ*, apesar de inclinado para Sul. A fossa, escavada apenas no interior do corredor, estava preenchida com terras castanhas, muito soltas e com algumas raízes. Junto ao afloramento a terra apresentava-se menos solta, mas mais pulverulenta.

**Figura 16.** Pormenor da camada de barro [13] identificada no tumulus, lado Este.



#### 4. Espólios

O espólio recolhido no decurso desta escavação aponta para duas cronologias, uma de utilização funerária do monumento (Neolítico final/Calcolítico) e outra de reutilização/violação (período romano), sendo constituído por:

- Cerâmicas manuais: Taças e esféricos; fragmentos de bojo
- Pedra Lascada: Fragmentos de lâmina/lamelas; Pontas de seta
- Adorno: Contas de colar
- Sagrado: Fragmentos de Placas de Xisto
- Material de construção romano
- Cerâmica de roda: bordos; fundos e fragmentos de bojo
- Metais: formas indeterminadas devido à corrosão

No que concerne aos materiais pré-históricos, que se encontram ainda em fase de tratamento laboratorial, salienta-se a ausência de pedra polida (em contexto de escavação) e a possibilidade de termos algumas reconstituições de formas cerâmicas, uma vez que temos duas taças com uma conservação de cerca de 2/3, que se encontravam no meio dos revolvimentos e a outra diretamente sobre o afloramento (Fig. 17 e 18), ambas na área de transição câmara/corredor.

**Figura 17.** Pormenor de taça, nos revolvimentos.



**Figura 18.** Pormenor de taça, sobre o afloramento.



**Figura 19.** Ponta de seta identificada entre conjunto de pedras soltas.



**Figura 20.** Fragmento de lâmina.



Em relação à pedra lascada, as pontas de seta recolhidas têm presentes os três tipos de bases principais (reta, convexa e concava), em rochas siliciosas (Fig. 19), quartzo e quatzohialino. Regista-se também a

presença de um fragmento (distal) de alabarda. Dentro das lâminas/lamelas que, como referimos, é um grupo que se apresenta muito fraturado, existem em rocha silicosa (Fig. 20) – estas com evidências de fogo intenso, e em quartzo. Também as lascas e os restos de talhe são maioritariamente de quartzo.

**Figura 21.** conta de colar em xisto.



**Figura 22.** Fragmento de peso de lagar e de mó, em granito.



No conjunto dos objetos de adorno temos as contas de colar bem representadas, com contas sobretudo em xisto, algumas delas de muito pequena dimensão (Fig. 4 e 21).

**Figura 23.** Fragmento de Placa de Xisto identificado junto a blocos de granito de grande dimensão.



As placas de xisto encontram-se muito fragmentadas (Fig. 4 e 23) pelo que não devem possibilitar colagens e reconstituições. Aparentemente têm apenas gravações unifacial com motivos exclusivamente geométricos.

Os materiais de cronologia romana podem pertencer a dois tipos de utilizações, de carácter doméstico ou funerário (apenas o tratamento final do espólio cerâmico recolhido permitirá, eventualmente, esclarecer esta hipótese) e, outra, sem dúvida, o de pedra pois foram encontrados elementos de lagar que resultaram da reutilização de esteios/tampas, como fonte de matéria prima (Fig. ?? e ??)

## 5. Reutilizações versus Destruições

O interesse pelo megalitismo cativou, de forma positiva ou negativa, as múltiplas gerações que habitaram esses territórios, ao longo dos tempos (Rocha, 2016). Quando analisamos os seus espólios conseguimos, muitas vezes, perceber esses momentos e os episódios de reutilização ou destruição que sofreram. A história artefactual deste monumento reflete estas situações. Após a sua construção e fase inicial de utilização, entre o 4<sup>o</sup> e o 3<sup>o</sup> milénio, num período em que a homenagem aos mortos se consubstanciava num culto aos mortos que se traduzia em grandes construções, onde os pudessem glorificar e imortalizar, o quadro mental, social e religioso foi-se alterando, passando o mundo funerário a ser mais invisível, com a construção de sepulturas individuais ou então a reutilização de monumentos desta fase áurea. Esta nova ideologia perante a morte implicou, nalguns casos, algumas reestruturações das anteriores arquiteturas que, em geral, não provocaram danos significativos, por se traduzirem na criação de nichos ou de sepulturas internas (Idem, *Ibidem*).

Aparentemente a grande alteração surge no período romano devido à completa transformação da sociedade em termos culturais, sociais e económicos. Nesta fase, uma parte substancial dos monumentos megalíticos são danificados ou destruídos, quer por uma questão de ideologia, quer por questões de obtenção

de matéria prima, como parece ser o caso da anta da Meada 2. Muitos mantêm ainda evidentes sinais de reutilização em períodos posteriores, patentes em espólios e/ou datações absolutas (Oliveira, 1998, 2006; Rocha, 2005, 2015, 2016, 2020a, 2020b; Rocha e Morgado, 2019, 2021).

No séc. XX a anta da Meada 2 passou a ser um recetáculo para as pedras existentes nas imediações (maroiço), fenómeno recorrente nos campos alentejanos que, por um lado protegem estas edificações antigas, mas, por outro, mesclam as suas arquiteturas (Fig. 1). Infelizmente, a ação de limpeza deste maroiço realizada no séc. XXI, acabou por se tornar no último episódio destrutivo na história deste monumento uma vez que, para além das pedras colocadas sobre o seu tumulus, foram removidos níveis e espólios arqueológicos e, provavelmente, elementos pétreos do corredor, dos quais se identificaram apenas os alvéolos.

Como última nota, positiva, esperamos que o estudo do espólio e a série de datações de C14 que se encontram neste momento em curso, possam vir a restituir um pouco da sua relevância, no quadro do megalitismo do Norte Alentejo.

## 6. Bibliografia

- OLIVEIRA, J. (1998) – Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. Lisboa: Ed. Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2006) – Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris. Lisboa: Edições Colibri.
- ROCHA, L. (2005) – As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.
- ROCHA, L. (2015) – The Funerary Megalithic of Herdade das Murteiras (Évora, Portugal): the (re) use of the spaces. *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials*. ROCHA, L; BUENO-RAMÍREZ, P; BRANCO, G. (eds). BAR International Series 2708, p. 221-230.
- ROCHA, L. (2016) – Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano. *Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. SOUSA, A.C; CARVALHO, A; VIEGAS, C. (eds). *Estudos & Memórias*. 9. Lisboa, p. 167-177.
- ROCHA, L. (2020a) - Where were the dead buried in Recent Prehistory? The problem of architectures versus chronologies in Central Alentejo (Portugal)/ Onde se enterravam os nossos mortos na Pré-história Recente?: O problema das arquiteturas versus cronologias no Alentejo Central (Portugal). *Pre and Proto-historic Stone Architectures. Comparisons of the social and technical contexts associated to their building*. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd, p. 86-94.
- ROCHA, L. (2020b) – Datações absolutas para contextos funerários do Sul de Portugal: algumas reflexões em torno das arquiteturas e dos espólios. *Scientia Antiquitatis*. n. 2/2020, Évora, p. 81-104.
- ROCHA, L; MORGADO, P. (2019) – Reuse of ancient megalithics monuments during Metal Ages: the dolmen of Serrinha (Monforte, Portugal). *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior Penínsular*. 8. UAH: Alcalá de Henares, p. 25-30.
- ROCHA, L, MORGADO, P. (2021) – Anta da Meada 2 (St<sup>o</sup> Aleixo, Monforte). Relatório Final. Acessível nos Arquivos do DGPC. Lisboa, Portugal. 39pp